

Marina: excelente investimento

AMM.045
Antônio Marcus Machado

A cidade do Rio de Janeiro teve a grande oportunidade de organizar um espaço urbano com áreas verdes e restingas, considerado, há alguns anos, paradisíaco em relação à ocupação de outras áreas da cidade. Configurava-se uma valiosa condição de organização do tecido urbano para ocupação e uso coletivo, respeitando a natureza, a vocação turística da cidade e a geração de renda para a administração pública. Surgia a Barra da Tijuca. Em recente matéria publicada no jornal **O Globo**, pudemos observar, lamentavelmente, que as ações desenvolveram-se de forma inversa à racionalidade e avessa ao planejamento, prejudicando a qualidade de vida. Problemas de infra-estrutura (saneamento, drenagens, etc), circulação viária e trânsito, segundo urbanistas e especialistas, poderiam ter sido evitados e aquela região, hoje, poderia ser um exemplo de ocupação urbana.

Aquela matéria de jornal deveria ter sido lida por muitos e muitos cidadãos e administradores públicos. A começar por nós do Espírito Santo, Estado vizinho e bastante interativo com o Rio de Janeiro.

Qualquer pessoa que chegue a Vitória de avião ou olhe uma fotografia aérea haverá de ficar maravilhado com o conjunto físico-territorial formado pelos municípios de Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica ao traçarem, como que pinceladas de Delacroix ou Rubens, as linhas insinuantes e sinuosas do litoral capixaba e o cenário majestoso da Baía de Vitória. É um conjunto arquitetônico natural que inebria e acaricia a alma do povo capixaba e daqueles que aqui venham visitar ou trabalhar. É claro que esse belo cenário perde a nitidez e embaça as

nossas vistas quando nele sobrepõem-se e esparramam-se os aglomerados e os equipamentos urbanos. Derrama-se, então, o balde com as tintas usadas por Delacroix ou Rubens, manchando indelevelmente a paisagem e aborrecendo pintores tão célebres que desistem da obra encomendada pelo Deus da Natureza.

Exemplos recentes nos dão prova disso. Em Vila Velha, a Praia da Costa, em pouco menos de 15 ou 10 anos, descaracterizou-se de tal forma que hoje é praticamente impossível deixar os raios da lua cheia nascendo ao lado da ilha dos "Pacotes", lá no fundão do mar, espriarem-se nas matas do Convento e do Morro do Moreno. Humilhados, rebatidos violentamente pelos paredões anti-PDUs, gigantes de 20 a 50 metros de altura, os tênues raios recolhem-se timidamente, abrigando-se na espuma branca das ondas que acariciam a areia amarelada da praia.

Ainda em Vila Velha, o sítio histórico da importância e da qualidade paisagística da Prainha, imortalizada no traço inigualável de Massena, desmoronou sob intervenções arquitetônicas mutilantes, com a implantação do Terminal Aquaviário e do Parque da Prainha, deixando o ilustre paciente em estado de coma permanente. Como testemunha ocular, do alto do morro de matas virgens, está o Convento da Penha a perdoar aqueles bem-intencionados. Desgastado à sua direita (a Praia da Costa) e à sua esquerda (a Prainha), observa, preocupado, a ocupação da Enseada do Suá, local igualmente belo e guardião da entrada do canal da Baía de Vitória.

Na condição de diretor superintendente do Instituto Jones dos Santos Neves, nomeado há pouco mais de um ano, solicitei, há alguns meses, ao corpo técnico um estudo preliminar quanto aos antecedentes históricos, a ocupação atual e pre-

vista e seus possíveis desdobramentos quanto à circulação viária, infra-estrutura e paisagismo. Não com a precípua intenção de bloquear ou impedir o desenvolvimento da cidade, mas para sugerir e propor medidas e providências para um amanhã melhor.

Não sou exponencialista nem ecologista: procuro ser compatibilista. Cabe lembrar, contudo, que as Instituições de Estudos e Planejamento sofreram um desinvestimento e descaso tão grande nesse nosso país tetracampeão que, assim destruturadas, pouco conseguem influir no traçado das cidades. Salvo, é claro, aquelas cujos prefeitos têm a exata noção da importância do Planejamento e da Organização e viabilizam, através de Instituições como o IJSN, seus estudos viários básicos, análises de ocupação do solo e planos diretores urbanos (aqueles que normatizam o crescimento da cidade e são, pela Constituição, obrigatórios para cidades com mais de 20 mil habitantes)

Assim, estamos procurando estudar, por iniciativa própria, aquela região para que daqui a 10 ou 15 anos não tenhamos o dissabor de abrir o jornal e ler sobre os problemas da região. É preciso parceria para esse trabalho e o IJSN está aberto a isso.

Preliminarmente, enquanto cidadão, eu tenho muita simpatia pela utilização de parte daquela área para estruturação de uma marina. Na verdade, um centro de esportes náuticos, em uma área privilegiada pela beleza e localização. Na minha opinião, ainda, perdemos uma ótima oportunidade de construir uma marina onde hoje é o Parque da Prainha, em Vila Velha. Ali, um abrigo náutico natural, já existe uma Escola da Marinha, o que facilitaria a realização de cursos e regatas, acentuando a paixão pelos esportes náuticos

e o uso de complexo natural tão propício e encantador. Conferiria ao município beleza, qualidade de vida e renda de impostos.

Acredito que esse tipo de empreendimento deva ser administrado pela iniciativa privada. É praticamente impossível às prefeituras, com tantas outras prioridades de investimento como educação, saúde e transporte realizar os investimentos necessários ao pleno funcionamento de uma marina. No mínimo, há necessidade de uma parceria entre prefeitura e empresariado.

No Rio, por exemplo, a Marina da Glória, abençoada por um cenário magnífico e boas condições técnicas, é administrado pelo poder público, que não tem se mostrado eficaz. Por culpa de gerenciamento inadequado e conceitos primários de administração financeira acumula um déficit de US\$ 1,1 milhão. Hoje, para se ter uma idéia, 78% das despesas estão concentradas em pessoal e serviços de terceiros. Acredito, como o próprio secretário de Desenvolvimento do Rio de Janeiro, disse, que "a marina é um excelente investimento para quem estiver disposto a trabalhar com uma administração técnica, profissional e eficiente".

Portanto, creio importante ser analisada a possibilidade de instalação de uma marina na Enseada do Suá, dando a Vitória um traço especial em escala turística, econômica e cultural. Não se trata de "elitismo", mas de clareza, cultura e reconhecimento da beleza ímpar da Região Metropolitana de Vitória.

O Instituto Jones dos Santos Neves, apesar de ser uma instituição de pesquisa e planejamento, está vivo e disposto a pensar essas cidades, com qualidade e arrojo.

Antônio Marcus Carvalho Machado
é diretor superintendente do IJSN